

Em matéria, pois, de castigos, depois da morte, reflatamos, sim, na justiça da Lei, que determina realmente seja dado a cada um conforme as próprias obras; entretanto, acima de tudo e em todas as circunstâncias, aceitemos Deus, na definição de Jesus, que no-lo revelou como sendo o “Pai nosso que está nos Céus”.

(*Justiça divina*. Ed. FEB. Cap. 45)

Mt
6:9

137

Ante a vida maior⁶⁷

Quem encontra a Paternidade divina, no mundo, respeita as injunções da consanguinidade, mas não se agarra ao cativoiro da parentela.

Honra pai e mãe, realmente; todavia, sabe considerar que o amor pode ajudar, fazer, aprender e sublimar-se sem prender-se.

O espírito que penetrou semelhante domínio da compreensão reconhece que sua família é a humanidade inteira, encontrando o Lar em toda parte, as surpresas da vida em todos os ângulos do caminho, o interesse iluminativo em todas as facetas da jornada, o serviço em todas as linhas de atividade, o dever em todas as partículas do tempo, a bênção do Céu em todos os caminhos da Terra, o amor em todos os seres, a glória de ajudar em todos os instantes da luta e segue, existência afora, de alma aberta ao trabalho santificante, respirando a independência construtiva, livre, ainda mesmo quando escravo de pesadas obrigações, feliz, ainda mesmo quando o corpo se lhe cubra de chagas sanguinolentas, e sereno, ainda mesmo quando a tempestade o convoque ao terror e à perturbação...

É que, quando a alma descobre a Paternidade celeste, embora ligada aos impositivos da carne, sabe sofrer e agir, crescer e elevar-se, operando nas zonas inferiores do Planeta, mas de sentimento centralizado no Alto, a repetir invariavelmente com Jesus Cristo: “Pai Nosso que estás nos Céus...”

(*Reformador*, jun. 1954, p. 126)

⁶⁷ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Perante Jesus*. Ed. IDEAL. Cap. 16, com alterações.